



A INFLUÊNCIA DA ARTE ORIENTAL NA POESIA DE HELENA KOLODY E O ENSINO-APRENDIZAGEM DO HAICAI

CRUZ, Antonio Donizeti da
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

RESUMO: Helena Kolody, poeta brasileira, filha de emigrantes ucranianos, nascida em 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado, Estado do Paraná – Brasil. Com doze livros publicados, várias antologias e obras completas, Kolody realiza um fazer poético enquanto busca da síntese, projetada nas formas escolhidas e no enxugamento dos textos. Os poemas sintéticos, tais como os dísticos, tercetos, quadras, epigramas, tankas e haicais (poesia de origem japonesa), são formas poéticas escolhidas pela poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Helena Kolody, Poesia, Haicais (poesia japonesa)

ABSTRACT: Helena Kolody is a Brazilian poet, daughter of Ukrainian emigrants and was born on October 12th, 1912, in Cruz Machado, state of Paraná. With twelve published books, a lot of anthologies and complete works, Kolody while realizes a poetic “doing”, looks for the synthesis of her production. She chooses synthetic form poems such as: distiches, tercets, quartets, epigrams, “tankas and haicais” (Japanese poetry).

KEY WORDS: Helena Kolody, Poetry, Haicais (japanese poetry)

“A consciência de que nada se repete na travessia – longa despedida sem retorno – e que a própria vida não dura, torna mais precioso cada instante existencial, com seu agudo timbre de plenitude”.

Helena Kolody (In: CRUZ, 2001)

A poeta Helena Kolody nasceu a 12 de outubro de 1912, em Cruz Machado (PR). Faleceu em 14 de fevereiro de 2004, em Curitiba, PR. Filha primogênita de Miguel Kolody e Victória Kolody, imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil, ainda crianças, aqui se conheceram e constituíram família.

Helena Kolody estudou, de 1920 a 1922, no Grupo Escolar “Barão de Antonina”, de Rio Negro (PR), onde concluiu o curso primário. De 1923 a 1924, ela estudou no Colégio Divina Providência e na Escola intermediária (atual Instituto de Educação do Paraná), na Capital. Em 1924, ela foi morar em Mafra (SC). Formou-se em guarda-livros, estudou piano, pintura e escreveu seus primeiros poemas, por volta dos treze anos. De 1928 a 1931, Helena Kolody cursou a Escola Normal Secundária (atual Instituto de Educação do Paraná). Em 1931, recebeu o diploma de normalista. Em 1932, estreou no magistério, na mesma Escola de Rio Negro, em que havia estudado. Em 1933, passou a atuar na Escola Normal de Ponta Grossa, onde lecionou durante quatro anos. Em 1937, ela fixou residência em Curitiba, pois se transferiu para a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná). Ensinou em Curitiba durante 23 anos (com interrupção no ano de 1944, quando atuou na Escola de Professores de Jacarezinho, PR.), até aposentar-se. Exerceu simultaneamente o magistério e a função de inspetora federal do MEC. Dessa maneira, prestou serviços a vários estabelecimentos de ensino na Capital; cumpriu também a função de secretária do Fundo Nacional de Ensino Médio. Professora dedicada, Kolody tem conquistado popularidade e respeito entre seus alunos. Sobre a conjugação poesia e ensino, ela declara:

O magistério e a poesia são as duas asas de meu viver. O magistério foi escolha. A poesia, um imperativo psicológico. Fui professora pelo impulso irresistível da vocação. Dediquei, com amor e entusiasmo, os melhores anos de minha vida à missão de educar. A sala de aula era o meu lar, o meu mundo; os alunos, minha família pedagógica. (BASSETI, 1990, p. 2-5 - Entrevista de Helena Kolody a Alzeli Basseti)

Da confluência magistério e poesia, a poeta se insere no tempo e registra seu depoimento:

Sou Helena Kolody, paranaense de Cruz Machado, vivendo há mais de meio século em Curitiba. Por vocação e escolha fui apaixonadamente professora. Nasci poetisa. Desde criança amei os pássaros, as palavras e as canções. Na adolescência, comecei a cantar meus sonhos em versos. De sonhos aprisionados em poemas inventei muitos livros. Dedico-me agora a aplaudir as novas gerações (*OS POETAS*, 1990, p. 7).

São afirmações que demonstram sua paixão pelo magistério e à literatura, registrando, assim, seu contato com as palavras, com a poesia e sua atuação no exercício de ensinar e de aprender no Paraná.

Poesia e magistério são forças motrizes na vida de Helena Kolody. Em 29 de setembro de 1999, a professora e a poeta foi homenageada por aproximadamente

300 alunos do pré-escolar a 4ª série da Escola Municipal São Luiz, em Curitiba. As crianças a entrevistaram, cantaram, declamaram e ilustraram poemas de Kolody que serviram de tema para pinturas feitas na fachada da escola. O encontro com a poeta fez parte do projeto desenvolvido pela referida escola nas áreas de arte e literatura. As entrevistas com Helena Kolody foram utilizadas em sala de aula e em atividades do projeto Ler & Pensar, promovido pelo jornal *Gazeta do povo*. Em depoimento, Helena Kolody afirma que “é muito comovente perceber que a escola não vive apenas a parte intelectual, mas também emotiva e psicológica”. A poeta ficou sensibilizada com a maneira de cantar das crianças e relatou que “elas cantaram com a alma, vivenciaram a música”. Escutou atentamente as crianças declamarem seus poemas. Em relação à homenagem, declarou: “É uma prova de amor que me sensibiliza até as lágrimas. E fico feliz com o fato dessa escola ensinar as crianças a gostarem de poesia” (NICOLATO, 1999).

Helena Kolody, personalidade humana e literária marcante, tem uma trajetória poética singular, tal como comprova a fortuna crítica de sua obra. Publicou doze livros de poesia e doze antologias, além de inúmeros poemas publicados em revistas e jornais. Desde *Paisagem interior* (1941) passando por *Reika* (1993) até *Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos* (Obra organizada pela minha pessoa), Kolody concretiza uma trajetória que se revela em uma poesia participativa e harmoniosa.

Com *Paisagem interior*, Kolody desenvolve uma poética centrada na linguagem com seus jogos de imagens, alternando formas livres e metrificadas. Nota-se que na referida obra aparecem quatro sonetos. Destacam-se, na obra, a linguagem coloquial e prosaica, o versilibrismo, a musicalidade, o perfeito jogo sonoro e o ritmo bem acentuado (elementos preponderantes na poesia kolodyana). Por trás de uma aparente simplicidade dos poemas, há toda uma elaboração rigorosa em relação à linguagem. A poeta alterna poemas longos com poemas sintéticos, tal como no haicai intitulado “Felicidade”: “Os olhos do amado/ Esqueceram-se nos teus,/ Perdidos em sonho” (KOLODY, 1941, p. 42). Este é um dos três haicais publicados pela poeta em *Paisagem interior*. A temática onírica e o tema do amor estão presentes nos versos deste poema miniatural de origem japonesa.

Em *Música submersa* (1945) –, obra que apresenta a temática social de forma sintética – Helena Kolody aprimora a condensação da linguagem e os seus poemas se tornam mais breves, entre eles, o haicai “Pereira em Flor”: “De grinalda branca,/ Toda vestida de luar/ A pereira sonha” (KOLODY, 1945, p. 17). Nota-se que a poeta constrói seus poemas de forma concentrada, enxuta e imagética. O lirismo flui livremente, imbuído de uma carga semântica espontânea. O poeta Carlos

Drummond de Andrade, ao se referir à obra *Música submersa*, diz que encontrou, “com alegria, poemas como ‘Rio d’água’ e ‘Pereira em flor’, em que à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos ‘imponderável’ poéticos” (ANDRADE. In: *RUMO paranaense*, [197-], p. 4. Aspas do autor). Esta afirmação é importante, pois Drummond observa na poesia kolodyana a linguagem marcada pela singularidade e pela discrição aliadas a um fazer poético em que sobressaem as sutilezas da poesia.

A obra *Reika*, publicada em outubro de 1993, por iniciativa de Nivaldo Lopes, reúne 28 poemas (haicais e tankas), marcados pela síntese e brevidade que apontam para a sutileza das imagens, para a manifestação da natureza, em que a poeta capta o instantâneo, o momento único, engendrado por uma “lumino-transparentia”. Os haicais e tankas de Kolody deixam transparecer momentos tensos e transparentes, que se direcionam à observação da natureza, feita de um lirismo melancólico. Tais elementos podem ser verificados nos versos do haikai “Os tristes”, que evidenciam, de forma clara, a inquietação do sujeito lírico que se expressa em questionamento: “Em seus caramujos,/ os tristes sonham silêncios./ Que ausência os habita? (KOLODY, RE, 1993, p. 33). Salienta-se a temática da solidão, ou seja, em meio a “ausência” e “silêncios”, os tristes mergulham no mundo onírico. A imagem do caramujo remete à idéia de isolamento e introspecção. O verso final é interrogativo, procedimento poético recorrente na produção lírica moderna. A temática de *Reika* trata também, de maneira reiterada, da questão do tempo e suas relações subentendidas, da observação do elemento sazonal, da solidão e da metapoesia.

O haikai intitulado “Saudades” apresenta um lirismo nostálgico, numa linguagem lúdica, metafórica e organizada, com um tênue acento de melancolia:

Um sabiá cantou.

Longe, dançou o arvoredo.

Choveram saudades.

(KOLODY, RE, 1993, p. 21)

Esse haikai miniatural apresenta a saudade e a natureza interligadas, pois o canto do sabiá, mesmo distante, é capaz de despertar o sujeito para uma observação atenta da natureza. Na primeira estrofe, a constatação do canto do sabiá direciona os versos seguintes. O canto funciona como um circuito entre o pássaro, as árvores e a saudade. O tema da saudade está ligado ao da memória, pois “chover saudade” é uma forma de rememorar, de lembrar as coisas que ficaram

“adormecidas” em outro tempo distante. Daí o vetor da memória: cintilações de lembranças e esquecimentos, pois como bem lembra Bachelard, “o homem mira-se no seu passado, toda imagem é para ele uma lembrança” (BACHELARD, 1989, p. 69).

O haicai abaixo, intitulado “Noite”, reconduz ao tema da memória e da velhice:

Luar nos cabelos.
Constelações na memória.
Orvalho no olhar.
(KOLODY, RE, 1993, p. 19)

As imagens “luar”, “constelações” e “orvalho” remetem à noite. Já os vocábulos: “cabelos”, “memória” e “olhar” apontam para a velhice. Três versos que marcam o período da velhice. Basta ver a imagem do “luar nos cabelos”. A primeira versão deste haicai foi escrito em 1946, e se intitulava “Velhice”:

Orvalho no olhar.
Constelações na memória.
Nos cabelos, luar.

A última palavra do segundo poema é a mesma que introduz o primeiro, a inversão completa-se com o verso final do primeiro poema, que é o ponto de partida para o segundo. Parece que o sujeito lírico quer reverter o irreversível início e fim de sua jornada.

O título do haicai “Noite”, metáfora de velhice, está direcionado para a fase de envelhecimento na qual as recordações e lembranças vêm à tona. Sobre a condição da velhice ela afirma:

Sempre tive para mim que eu não queria envelhecer. A própria memória se despoja de um monte de fatos e lembranças, principalmente de coisas que eu li e não lembro mais. Dos meus próprios versos eu esqueço. E com isso, eu não me conformo, porque, sempre tive uma memória tão boa, eu era capaz de guardar de cor livros inteiros [...]. Ganhei raciocínio com a idade, mas perdi muito de memória e memória é meu arquivo. Daí começo a pensar como professora de biologia: todos os dias morrem milhares de células em meu cérebro e isto não é recuperado, é muito trágico. (KOLODY. In: VENTURELLI, 1995, p. 43-44)

Kolody vê a vida como um mistério, pois “nunca se sabe o que vai trazer amanhã”, muito menos a reação de cada pessoa frente aos acontecimentos inesperados. Com o passar do tempo, “a solidão acaba doendo muito... Este é o ponto trágico no envelhecer: vamos perdendo os amigos, a família, o grupo ao qual pertencíamos vai se desfazendo, vamos perdendo o contato com as gerações mais novas” (KOLODY. In: VENTURELLI, 1995, p. 45-46), conclui a poeta.

A viagem também é tema do haicai intitulado “Depois”. O momento presente inquieta o eu-lírico que sabe de sua situação enquanto “viajante das galáxias”, ao afirmar:

Será sempre agora.
Viajarei pelas galáxias
universo afora.
(KOLODY, RE, 1993, p. 25)

A temática da transitoriedade do ser se faz presente nos versos do poema. A inserção na temporalidade, cuja afirmação do eu-lírico é reiterada pelo sintagma “sempre agora”, revela uma escrita em que o regime dialético se dá na aceitação do fluir temporal e no reconhecimento do processo permanente de transformação vital. Os versos do poema indicam que o espaço terrestre não basta para o “viajante”; esse precisa deslocar-se pelo universo “afora” para transpor o “agora”.

O haicai “No mundo da lua” acentua o tom afirmativo no que se refere à combinação e ao dinamismo da linguagem. O eu-lírico declara sua condição de caminhante e sonhador:

Não ando na rua.
Ando no mundo da lua,
falando às estrelas.
(KOLODY, RE, 1993, p. 31)

São versos que mostram a imaginação do sujeito poético, capaz de articular a linguagem de maneira lúdica. Há, nos versos, o afastamento da realidade cotidiana, através da negação de andar à rua. O eu-lírico afirma divagar no mundo da lua e conclui revelando seus interlocutores: as estrelas. O verbo no gerúndio dá uma idéia de movimento aos versos. Nota-se que o “andar no mundo da lua” tem sentido figurado, de sonhar, de desligar-se da realidade imediata.

“Jornada” é mais um haikai voltado para a temática do tempo, da viagem que aponta para a vida e para a morte. O poema, com seu tom lúdico e miniatural, expressa todo um pensamento elaborado:

Tão longa a jornada
E a gente cai, de repente,
No abismo do nada.
(KOLODY, RE, 1993, p. 41)

No primeiro verso do poema, o tempo aparece representado por uma conotação metafórica, pois a palavra “longa” remete à duração temporal da jornada. Em contrapartida, o sintagma “de repente” contrasta com o primeiro segmento do poema. Os versos “e a gente cai, de repente/ no abismo do nada” denunciam que a vida, sem consulta prévia, prepara para todos, o desfecho. O verbo cair aponta para a condição da transitoriedade humana. No dizer de Morin, “o homem traz consigo o mistério da vida, a qual por sua vez traz consigo os mistérios do mundo” (MORIN, 1988, p. 327).

No haikai “Desafio”, o sujeito lírico declara que os obstáculos que impedem a passagem podem servir de estímulo para novas buscas:

A vida bloqueada
instiga o teimoso viajante
a abrir nova estrada.
(KOLODY, RE, 1993, p. 35)

Nos versos, a vida torna-se personagem da odisséia da aventura de construir novas perspectivas. A estrada é símbolo de viagem e transitoriedade do ser que está sempre em busca de realizações.

O fazer poético na poesia de Kolody remete à afirmativa de Octavio Paz, quando diz que as experiências do poeta não são feitas de idéias ou de sensações, mas de “idéias-sensações” que se manifestam no interior do poeta e são, “por natureza, evanescentes”. A linguagem, em um primeiro instante, assimila aquelas sensações, depois as fixa, as transforma e as reinventa. O poeta repete a operação do que viu e sentiu de maneira muito mais complexa e aprimorada (PAZ, 1991, p. 19). Dessa maneira, Paz observa que “o poeta, ao nomear o que sentiu e pensou, não transmite as idéias e sensações originais: apresenta formas e figuras que são combinações rítmicas nas quais o som é inseparável do sentido” (1991, p. 19). Tais

formas e sentidos geram sensações e idéias-sensações semelhantes, mas não similares às da experiência primordial vivenciada pelo poeta. Por isso, “o poema é a metáfora do que o poeta sentiu e pensou. Essa metáfora é a ressurreição da experiência e sua transmutação” (PAZ, 1991, p. 19).

Para Kolody, o poema surge das impressões apreendidas as quais vão se acumulando no inconsciente. O haicai “Pereira em flor” é um exemplo do lirismo kolodyano:

De grinalda branca,
Toda vestida de luar,
A pereira sonha.
(KOLODY, MS – VE, 1999, p. 189)

Os versos do poema trazem a personificação da pereira, tal qual noiva, a sonhar. Esta imagem compõe uma tela de singular beleza. A luz da lua, marca a noite, que embala o sonho, de toda jovem pereira.

Elogiado por Carlos Drummond de Andrade, este haicai alude ao caráter efêmero da existência. Helena Kolody descreve como surgiu o poema:

Eu morava na Rua Carlos de Carvalho. Uma noite, ao sair da casa de uma amiga, dei com aquela pereira completamente florescida, banhada pela luz da lua cheia. A beleza do quadro foi um impacto na minha sensibilidade. Fiz o poema bem mais tarde. Associei a pereira com a noiva: a noiva toda vestida de branco, sonhando, como a pereira ao luar. (KOLODY, 1986, p. 22)

No que diz respeito ao ato criador de Helena Kolody, pode-se dizer que ele é um processo que se operacionaliza de maneira organizada, através das observações atenta da natureza com o mundo circundante vivenciado pela poeta. Nas afirmações abaixo, nota-se a correspondência de sentidos que há entre a elaboração do poema e os elementos biológicos. Provavelmente, por ter lecionado Biologia, ela faz uma aproximação analógica, no mínimo inusitada, sobre a sua criação poética:

Às vezes meus poemas vêm por inteiro. São os poemas vivíparos. Eles são os melhores e geralmente dormiram muito tempo dentro de mim. Outras vezes é só um núcleo de poemas, os ovíparos, que têm que ser chocados. Eles se estruturam devagar. E, de repente, nasce a ave, porque há um longo processo de celebração inconsciente. (KOLODY. In: SERUR, 1988, p. 8)

Conforme Kolody, seus poemas parecem surgir de uma inquietação interior, da luta constante com as palavras a que todos os poetas estão submetidos, tal como afirma Carlos Drummond de Andrade: "Lutar com palavras/ é luta mais vã./ Entanto lutamos/ mal rompe a manhã" (ANDRADE, 1998, p. 182). Para o poeta, as palavras têm o poder de cristalizar o momento nascente de um projeto estético, no qual sua atitude é de combate, de luta com as palavras precisas, ou seja, não há hora demarcada para se travar a luta corporal. São versos que mostram um alto teor de concentração verbal, rigor e concretização de um pensamento capaz de (re)inventar mundos imaginários. Mesmo que tal luta pareça frívola, ao poeta compete a tarefa de realizar a "poesia da vida".

A escolha exata das palavras e a maneira como são articuladas no texto é que faz do poeta um operador de enigmas, um "feiticeiro inventor". Verifica-se que na poesia de Helena Kolody, a inspiração é um processo primeiro, depois vem "o combate com as palavras", o constante burilar, tal como afirma a poeta:

Eu sou uma poeta que não faz o poema na hora que quer. É a poesia quem quer. Ela me agita, me obriga, é uma compulsão interior [...]. Às vezes o poema já vem mais ou menos pronto [...]. Outras vezes é preciso suar muito [...]. É uma luta terrível com as palavras. Mas há ocasião que estou em estado de poesia e os poemas vão saindo: um, dois, três poemas seguidos. (KOLODY. In: *JORNAL do livro*, 1985, p. 5)

Em relação ao "estado de poesia", Kolody compara a inspiração como o vento, que sopra onde quer. Assegura ainda que "a inspiração é como um estado de embriaguez; eu me desligo das preocupações imediatas e começo a sonhar versos. Preciso escrevê-los imediatamente, senão me fogem e não os recupero mais. Há um sentimento de alegria no ato de criar. Há um prazer lúdico nesse jogo realizado com palavras" (KOLODY. In: BASSETI, 1990, p. 5).

Assim, o fazer poético não fica somente em nível da inspiração. Kolody salienta que depois ocorre o momento da reflexão, da análise e da crítica ao poema. Já não é autora, é leitora do poema. Começa a burilá-lo, travando "um combate sem tréguas com palavras indomáveis". Ela vê a poesia como uma expressão transfigurada da vivência humana, num certo tempo e em determinado lugar. Mesmo que não pareça "as circunstâncias de nossa vida impregnam, sutilmente, nossa arte" (KOLODY. In: BASSETI, 1990, p. 5). Helena Kolody define a poesia da seguinte forma:

A poesia, para mim, é como o jogo. Mas um jogo difícil, ainda que tenha elementos lúdicos de prazer. É como um jogo que você não consegue vencer. Às vezes não era aquela a palavra que você queria. Então, você muda, tira um verso, corta. O meu

normal é cortar muito. A poesia é um jogo no qual a gente perde sempre. (KOLODY. In: *JORNAL do livro*, 1985, p. 5)

Ainda sobre o seu fazer poético, Helena Kolody declara que compõe para seu próprio prazer “esse jogo de palavras que é o poema. Muitas vezes, o poema vem incompleto, ou não me satisfaz. Antigamente, eu rasgava o escrito. Hoje, guardo. Quando surge a minha ‘musa remendona’, pego de novo o poema e encontro a solução” (KOLODY, 1986, p. 30).

O haicai “Alquimia”, com seu caráter ideográfico expandido, aponta para o caráter revelador da poesia:

Nas mãos inspiradas
nascem antigas palavras
com novo matiz.
(KOLODY, RE, 1993, p. 27)

Esse é mais um texto kolodyano a afirmar o poder das palavras e jogo metafórico da linguagem. Nos versos do poema, o sintagma “mãos inspiradas” remete ao esforço do poeta perante o fazer poético. Esta metáfora aponta para o trabalho do poeta, cujo ofício é ser intérprete da consciência e vivências humanas. Aqui o artesanato se apresenta objetivamente. A mão (metonímia de corpo) reconduz para o ato criador do poeta na tarefa de dar forma e sentidos à vida. No eixo sintagmático, a sonoridade rítmica fica patente: “mãos inspiradas”; “antigas palavras” e “novo matiz”. Já os vocábulos no eixo paradigmático são apresentados pelas palavras: “mãos”, “palavras” e “matiz”. O trabalho da criação poética reside em o poeta dar novo matiz às antigas palavras.

O haicai “Alquimia”, com seu caráter ideográfico expandido, aponta para o caráter revelador da poesia:

Nas mãos inspiradas
nascem antigas palavras
com novo matiz.
(KOLODY, RE, 1993, p. 27)

Esse é mais um texto kolodyano a afirmar o poder das palavras e jogo metafórico da linguagem. Nos versos do poema, o sintagma “mãos inspiradas”

remete ao esforço do poeta perante o fazer poético. Esta metáfora aponta para o trabalho do poeta, cujo ofício é ser intérprete da consciência e vivências humanas. Aqui o artesanato se apresenta objetivamente. A mão (metonímia de corpo) reconduz para o ato criador do poeta na tarefa de dar forma e sentidos à vida. No eixo sintagmático, a sonoridade rítmica fica patente: “mãos inspiradas”; “antigas palavras” e “novo matiz”. Já os vocábulos no eixo paradigmático são apresentados pelas palavras: “mãos”, “palavras” e “matiz”. O trabalho da criação poética reside em o poeta dar novo matiz às antigas palavras.

Ao observar o conjunto de obra de Kolody, verifica-se a constante condensação e burilamento da linguagem tendo em vista a síntese do poema. Se na década de 40 os poemas kolodyanos se “derramavam em versos longos” na forma do verso livre e com uma aproximação da linguagem da prosa, esse procedimento justifica-se pelo fato de a poeta estar conjugando uma *poiesis* bem aos moldes do movimento modernista brasileiro. Basta comparar poetas da tradição brasileira dessa década para notar que são procedimentos estéticos comuns nesse período, tais como o verso livre, a aproximação com a linguagem em prosa, em que se conjuga a regularidade e as variações construtivas dos poemas, tendo em vista os modelos fixos e as formas livres.

Helena Kolody – herdeira da uma tradição modernista e poeta da modernidade – procura constantemente no cotidiano a matéria de sua lírica, a realidade entrelaçada à maneira de compor as relações entre poesia e vida. Em relação ao cotidiano e lírica, Solange Fiuza Cardoso Yokozawa tece o seguinte registro sobre tal procedimento na obra de Mario Quintana, assinalando que,

[...] o poeta não reproduz o olhar automatizado que lançamos sobre a vida de todo dia. Trata-se de um olhar que reinventa o cotidiano. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparentemente estabilizada, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária. O cotidiano também é muita vez reinventado em flagrantes poéticos originais que lembram os haikus japoneses. (YOKOZAWA, 2000, p. 55)

Assim, pode-se inferir que há, tanto na obra de Kolody quanto na de Quintana, o olhar projetado no cotidiano e nas suas reinvenções, em suas transmutações da realidade convertidas em matéria verbal capaz de refletir e de dar novos direcionamentos à vida e à arte, como bem lembra Paulo Leminski, ao comparar a obra de Kolody e a de Quintana.

Cumprir lembrar que Kolody, já em sua primeira obra, *Paisagem interior*, demonstra uma tendência para a poesia sintética, pois nesta aparecem três haicais publicados que remetem à “poesia-síntese” de origem japonesa. Em relação à arte do haikai, Kolody declara:

Os literatos e os críticos simplesmente ignoraram essa poesia que ninguém, ainda, estava fazendo no Paraná. No entanto, meus alunos, alunas principalmente, decerto porque eram muito jovens, e os jovens adoram novidades, gostaram muito. Tanto que a turma de 1943, se não me engano, ofereceu-me, como presente de aniversário, seis quadros, em pergaminho, com ilustrações dos três ‘hai-kais’ de *Paisagem interior*: três quadros de Guido Viaro e três iluminuras de Garbácio. Meus alunos sempre amaram minha poesia; divulgaram-na pelo Paraná afora. (KOLODY, 1986, p. 27)

A poeta assinala que a comunicação com outros centros culturais é por demais relevante. Ela destaca que foi através do *Jornal de Letras* e da correspondência com a escritora paulista Fanny Dupré que teve conhecimento do poema miniatural japonês.

Já os haicais de Kolody registram momentos privilegiados na percepção da paisagem do mundo e/ou da realidade comum. Os poemas são marcados pela brevidade e pela concentração intensa de uma linguagem esteticamente organizada. Neles, a poeta instaura um jogo de cumplicidades com o leitor. No olhar do poeta e do leitor, a linguagem ganha contornos e se torna “poesia-revelação”. Nesse sentido, a poesia kolodyana opera como “caminho-síntese” de uma tensa jornada em busca do eu-outro-cosmo. Daí a relação e valorização da natureza circundante e a serenidade a sublimar. Para a poeta Alice Ruiz, “Helena nos mostra, como um mestre zen, que a poesia está nas coisas, é só acertar o olhar”, pois “poesia não é perfumar a flor. Poesia é o perfume da flor. Tal como a poesia de Helena Kolody” (RUIZ. In: VENTURELLI, 1995, p. 50-51). Com admiração confessa para sua cúmplice em poesia, Ruiz declara que recebeu juntamente com Helena Kolody a outorga de nome haicaísta em 1993. Afirma ainda:

Vivi, com Helena Kolody, a maior homenagem que meu coração de poeta já recebeu. O nome de haicaísta, tradicionalmente dado pela comunidade nipônica aos que se destacam nesta poesia, nos foi outorgado na mesma cerimônia, em 13 de junho de 1993. Talvez, pela primeira vez, para duas ocidentais. Homenagem ainda maior por ter sido ao lado de nossa poeta mais amada. Ela, Reika e eu, Yuuka. O Ka dos dois nomes significa flor. Os prefixos Rei e Yuu são adjetivos/virtudes específicas da flor. Ambos apontam para formas de grandeza. Superlativos para quem pratica a poesia

mínima. [...] Helena é mestra desta grandeza desde 1941, quando publicou seus primeiros haikais, até os dias de hoje, num aperfeiçoamento em que espírito e técnica se fundem para deixar em nós, definitivamente, o perfume da mais autêntica poesia. (RUIZ. In: *SINFONIA da vida*, 1997, p. 15)

Em suas três primeiras obras Kolody se encaminha cada vez mais para a poesia intimista, confessional e auto-indagadora em que predomina o subjetivismo, a introspecção e o “mergulho” no mundo interior, no qual o eu-lírico vai se desdobrando em imagens, deixando transparecer uma consciência de mundo projetada na questão pessoal e social. A partir de *Vida breve* verifica-se, ainda mais, a condensação e a síntese, que será a marca atual de sua poesia, ou seja, ocorre uma “progressiva essencialização” (MURICY. In: *RUMO paranaense*, [197-], p. 6) em sua obra, consoante afirmativa de Andrade Muricy. Em relação a evolução de sua poesia, Helena Kolody declara:

Minha poesia foi crescendo no sentido da síntese. No meu primeiro livro há poemas com três páginas, eu me derramava muito nas palavras. Hoje busco a síntese para traduzir o pensamento. Os meus melhores livros são aqueles em que digo muito em poucas palavras. (KOLODY. In: *JORNAL do livro*. 1985, p. 5)

Entre os primeiros críticos a apresentar a poesia Helena Kolody estão Rodrigo Júnior e Andrade Muricy. A poeta teve orientação muito especial de Andrade Muricy. Ela declara que na sua formação escolar seu contato era com textos literários simbolistas e parnasianistas, e que chegou à literatura modernista através da obra *A nova literatura brasileira*, de Andrade Muricy. “Por ser amigo de meus amigos, ele me ofereceu o livro e para mim foi uma descoberta. Eu não conhecia nenhum daqueles autores, porque nada do que eu lia ia além de Olavo Bilac” (KOLODY. In: VENTURELLI, 1995, p. 20).

Kolody afirma ainda que o crítico Muricy lia seus textos, mas “não mexia no que a gente escrevia. [...] Uma vez ele me falou: ‘reparei que você chega mais ao objetivo nos poemas curtos. Você tem talento para a síntese. Os seus poemas mais breves são os melhores’” (KOLODY. In: VENTURELLI, 1995, p. 20).

Consoante as afirmações de Helena Kolody e a evolução de sua obra, nota-se que na lírica kolodyana ocorre um “enxugamento” dos textos, encaminhando-se cada vez mais para um estilo direto, privilegiando a economia dos meios de expressão. A poeta realiza um fazer poético marcado por uma linguagem densa, sutil, registrando o instantâneo, o fugaz e as coisas mais simples. Tal como o tecelão que vai escolhendo os fios e emaranhando-os no tear, da mesma forma Kolody constrói seus poemas – tecidos de palavras – com precisão e arte.

Uma das características fundamentais da poeta é a sua disciplina artística, a clareza verbal e o labor, e mais ainda, o seu constante ato de burilar o poema, em que alia a inteligência crítica ao gênio poético. O ato que conduz a sua poesia denomina-se trabalho, luta com as palavras, construção sistemática do verbo. Nesse sentido, a poesia de Kolody apresenta uma atitude intelectual, acentuada pela simplicidade e dinamismo. No exercício efetivo de sensibilidade e racionalidade, Kolody burila o texto até achar a forma mais desejada para apresentá-lo ao leitor. Ela desvela as coisas mais sublimes através de sua maneira de ver o mundo com “os olhos da imaginação”, aliando clareza e técnica à arte poética.

Helena Kolody realiza uma escrita em constante processo, que exprime sua maneira de interpretar o mundo. Nessa perspectiva, os haicais kolodyanos têm o poder de projetar palavras que despertam o leitor para uma observação atenta das coisas mínimas, mas indispensáveis à conjugação dos entes e seres. Ou seja, sua trajetória poética e pessoal é animada pelo sentido de permanência, pois seus textos convertem-se em valores que são capazes de corporificar palavras e imagens que direcionam para uma dialética permanente. A lírica de Kolody converge para o sentido da vida, uma poesia que tem múltiplas facetas, qual um caleidoscópio que a cada movimento modifica a imagem.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de (Org.). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Helena Kolody. In: *RUMO paranaense*, Curitiba, ano II, n. 35, p. 4, nov. [197-].
- BASSETTI, Alzeli. *Helena Kolody: poesia feito gente*. *Brasília: revista de circulação nacional*, Brasília, n. 53, p. 2-5, jul. 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins fontes, 1989.
- CRUZ, Antonio Donizeti da. O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody / Antonio Donizeti da Cruz. – Porto Alegre: UFRGS/Instituto de Letras, 2001. 2 v. Tese – Doutorado . Apêndice A: *Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos*.
- JORNAL do livro*, Curitiba, abr./ jun. 1985, n. 7, p. 4-5.
- KOLODY, Helena. *Paisagem interior*. Curitiba: 1941. 106p.
- KOLODY, Helena. *Música submersa*. Curitiba: 1945. 96p.

KOLODY, Helena. *Helena Kolody: um escritor na Biblioteca*. Curitiba: BPP/SECE, 1986.

KOLODY, Helena. *Reika*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993 (Série Buquinista). 76 p.

KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. 5ª ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

KOLODY, Helena. *Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos*. Helena Kolody (Organização, ilustração, prefácio e reunião dos poemas por Antonio Donizeti da Cruz). Marechal Cândido Rondon, 1999.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Mira-Sintra: Europa-américa, 1988.

MURICY, Andrade. Carta a Helena Kolody. In: *RUMO paranaense*. Curitiba, ano II, n. 35, p. 4, nov. [197-].

NICOLATO, Roberto. Alunos "pintam" os poemas de Helena Kolody. *Gazeta do povo*, Curitiba, 29 set. 1999.

OS POETAS: antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: SEEC, 1990 (I Concurso de Poesia "Helena Kolody").

PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

RUIZ, Alice. Opiniões da crítica. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). *Helena Kolody*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. p. 50-51.

RUIZ, Alice. In: *SINFONIA da vida: Helena Kolody* (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p.15.

RUMO paranaense, Curitiba, ano II, n. 35, p. 1-14, nov. [197-].

SERUR, Telma. "O coração numeroso de Helena Kolody". *Nicolau*, Curitiba, 1988. n. 8, p. 8.

SINFONIA da vida: Helena Kolody (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997.

VENTURELLI, Paulo (Org.) *Helena Kolody*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaense, n. 6).

YOKOZAWA, SOLANGE FIUZA CARDOSO. *A memória lírica de Mário Quintana*. Porto Alegre, 1991. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.